

## A abordagem do conhecimento científico e a discussão de valores ambientalistas através da literatura para a infância

António Almeida<sup>1</sup> e Orlando Strecht-Ribeiro<sup>2</sup>

Escola Superior de Educação de Lisboa

<sup>1</sup>aalmeida@eselx.ipl.pt; <sup>2</sup>joseor@eselx.ipl.pt

### Resumo

Várias obras no âmbito da literatura para a infância contribuem para o conhecimento da Natureza e permitem a compreensão de conceitos científicos diversos, nomeadamente de aqueles que se situam no âmbito da Ecologia. Da mesma forma, outras obras encerram um teor ambientalista, pondo a nu a acção destrutiva do ser humano e a sua responsabilidade na presente crise ambiental. Contudo, dada a pluralidade de valores ambientalistas, importa que os professores seleccionem obras que se afastem de um ideário exclusivamente antropocêntrico, potenciando em crianças e jovens outras formas de conceber a relação do ser humano com a Natureza.

**Palavras-chave:** Conhecimento científico, perspectivas ambientalistas, literatura para a infância

### Introdução

Na literatura para a infância tanto a Natureza como um todo como os diferentes elementos que a constituem, com destaque para o mundo animal, têm sido componentes constantes e inspiradores das diversas formas de texto literário, com destaque para o conto infantil. Histórias que retratam ou contemplam o mundo natural incluem com frequência elementos verídicos que ajudam os jovens a conhecer melhor as características de diferentes seres vivos e de diversos ecossistemas, constituindo uma forma destes adquirirem, também através da leitura ficcional, conhecimento científico acerca da natureza. Mas surgem igualmente situações inverosímeis face à realidade natural, ou não estivéssemos no domínio do texto literário, fruto da imaginação criativa dos escritores. Inserem-se neste domínio ficcional a personificação de seres vivos e seres inanimados ou a presença de relações entre seres de determinadas espécies que cooperam ou se incompatibilizam, não respeitando qualquer quadro de relações bióticas conhecido de um ponto de vista ecológico.

A presença constante do mundo natural na literatura para a infância permite-nos considerar poder constituir mais um elemento de apoio à tese da biofilia, proposta por Edward Wilson. Segundo Wilson (1984), os seres humanos manifestam uma filiação emocional inata para com as outras formas de vida, obtida através de um processo de coevolução

genes-cultura. Esta tendência genética, fruto do intenso contacto com a natureza durante o percurso evolutivo humano, manifesta-se globalmente positiva, embora possa incluir também comportamentos aversivos, as designadas tendências biofóbicas, que incidem principalmente sobre certos animais mas que surgem também em relação a determinadas paisagens, como é o caso das florestas densas. Foi num quadro de elevada biodiversidade que o nosso cérebro se desenvolveu, o que evidencia como a multiplicidade de estímulos que a natureza nos proporcionou foi essencial para o nosso actual grau de sofisticação cognitiva.

Os escritores para crianças parecem dar assim viva voz a esta tese, mesmo que muitos a desconheçam ou mesmo que muitos nunca tenham reflectido acerca das razões que os levam a privilegiar o mundo natural nos seus textos. Mas mesmo que não tenham efectuado uma qualquer reflexão acerca deste assunto, parecem ir ao encontro da empatia que a maior parte das crianças manifesta pela natureza, e em particular pelo mundo animal. A antropomorfização dos animais, e de outras entidades naturais, que entram como personagens em muitas histórias contribui ainda mais para que este processo de empatia se intensifique no leitor mais jovem, mesmo que a aproximação às características do ser humano não tenha, em muitos casos, qualquer correspondência com a realidade.

## **Desenvolvimento**

### **O conhecimento científico na literatura para a infância**

Não são raras as obras no âmbito da literatura para a infância que permitem a abordagem de conceitos científicos. E esta possibilidade nem sequer é exclusiva de obras publicadas nos últimos anos. Quando lemos os contos de Sophia de Mello Breyner Andresen verificamos um claro jogo de sedução entre o ser humano e a Natureza, que não deixa de contemplar informação acerca desta. Praias, bosques e florestas são locais de encantamento e harmonia indissociáveis da ideia de Natureza como paraíso. E Sophia, através das suas técnicas de construção da narrativa, permite-nos não só conhecer ecossistemas e os seres que neles habitam, como consegue não trair o rigor científico de que é exemplo paradigmático a forma como em “A Menina do Mar” caracteriza as anémonas. É que embora as associe a um jardim, não deixa de salientar que há flores que parecem animais e animais que parecem flores.

Em obras mais recentes, alguns autores têm construído os seus textos, utilizando para o efeito o poder francamente inspirador de muitos conceitos ecológicos. “Nham – Nham” de Mick Manning e Brita Granstrom é um exemplo particularmente feliz na abordagem das cadeias alimentares. Entre os nossos autores, “A ilha dos pássaros doidos” e “O sapo Francisquinho” de Clara Pinto Correia permitem respectivamente abordar o impacto da introdução de espécies pelo ser humano em ecossistemas insulares e compreender as características do nicho ecológico dos anfíbios.

### **Os valores ambientalistas na literatura para a infância**

Tradicionalmente, a presença do mundo natural foi utilizada na literatura para a infância para transmitir os valores considerados importantes pela nossa sociedade. Histórias com animais que promovem o sentido de justiça, a defesa do trabalho, a apologia da perseverança e do esforço, a crítica do egoísmo, avareza, cinismo e vaidade são disso bons exemplos. Contudo, mudanças no quadro de valores na sociedade têm conduzido à desconstrução da moralidade de algumas histórias. Como refere Almeida (2002), são disso bom exemplo as versões que têm sido construídas acerca da fábula da cigarra e da formiga em que se defende o comportamento da cigarra, procurando desmistificar a importância exclusiva do trabalho para o ser humano. As fábulas, assim como outras histórias similares, não servem obviamente a causa ambientalista, visto que contribuem não raras vezes para a interiorização pelas crianças de uma imagem negativa de algumas espécies ao associarem alguns animais a comportamentos moralmente reprováveis. Esta associação, por vezes acentuada pela tradição cultural, tem contribuído para o dizimar irracional de seres vivos com um papel insubstituível no equilíbrio dos ecossistemas.

No entanto, com o delinear da presente crise ambiental, que se intensificou a partir dos anos sessenta, os movimentos ambientalistas ganharam expressão em diversos países. Com eles verificámos igualmente a pluralidade do seu discurso ambientalista que conduziu a uma análise diversificada das causas e consequências da referida crise e ao estabelecimento de prioridades distintas entre os vários problemas. De forma simplificada, conduziu à identificação de três perspectivas de olhar a relação entre o ser humano e a natureza: a antropocêntrica, que assume a centralidade do ser humano e valoriza a natureza de um modo instrumental; a biocêntrica, que defende o valor intrínseco das outras formas de vida independentemente do seu interesse para a espécie humana; a ecocêntrica, que valoriza de

forma não instrumental entidades holísticas como os ecossistemas e a própria ecosfera, cujo equilíbrio pode obrigar a limitar determinadas actividades humanas.

A literatura para a infância em Portugal não tem permanecido arredada da mensagem ambientalista. Todavia, nem sempre é fácil classificar inequivocamente uma dada obra no âmbito referido. Desde logo, e tal como assinalámos anteriormente, muitos textos contêm um teor mais ecológico do que propriamente ambientalista, isto é, informam mais acerca da natureza do que veiculam valores acerca da relação do ser humano com a natureza. Contudo, esta diferenciação torna-se por vezes ténue, se atendermos a que factos e valores surgem inseparáveis em muitas abordagens ecológicas. A este respeito, basta lembrar como a opinião negativa acerca de alguns seres vivos, como os lobos e os morcegos, e que persistiu durante décadas, se tem vindo a alterar face ao conhecimento do seu papel ecológico. Em consonância, textos que, embora literários, forneçam informação acerca das características do nicho ecológico de uma determinada espécie, contribuem para que as crianças compreendam que os outros seres têm necessidades, tal como os seres humanos. Por outras palavras, estes textos não deixam de transmitir valores acerca do mundo natural, embora não o façam da forma explícita das obras com claro teor ambientalista. Importa ainda referir que em alguns destes textos mais focados nas características e comportamentos dos animais, não deixa de estar presente uma visão instrumental dos outros seres vivos (ou da natureza), como acontece em muitas histórias que se desenrolam em ambiente rural, principalmente quintas. Animais felizes por virem a servir como refeição é a mensagem perversa de muitos deles, um pouco na linha do ideário que move as deslocações de muitas escolas às quintas pedagógicas que se distribuem de forma crescente por todo o país.

Em outros textos existe uma intenção clara de promover valores ambientalistas, quase sempre através da abordagem de diferentes problemas ambientais. Para tal, os autores utilizam formas de construção da narrativa para que o jovem leitor sinta a gravidade das situações e se mobilize eventualmente em projectos sobre temáticas semelhantes, que se desenvolvam principalmente na escola. Os problemas abordados podem ter um carácter global relacionado com o estado do planeta. Este é o foco da obra pioneira “Valéria e a Vida” de Sidónio Muralha que salienta como o poder económico tem explorado a Natureza até aos seus limites, e contribuído para o envenenamento do ar, da água e do solo. No final

surge um apelo à modificação do estado do mundo. Outras obras mais recentes focalizam-se em problemas de incidência local ou regional, como é o caso da poluição nas cidades, da

poluição das águas, do lixo... Contudo, e uma vez que nos encontramos ao nível da ficção, nem todas as estratégias e soluções para estes problemas são (ou tinham de ser) exequíveis. Por exemplo, Em “João Ar-Puro no País do Fumo” de José Jorge Letria há fadas que podem acabar com a poluição e uma criança especialmente empenhada consegue mudar o mundo

Na maior parte destes textos é perceptível a responsabilidade do ser humano no surgimento dos problemas. Mas o benefício decorrente da resolução dos mesmos também reverte quase sempre a favor do ser humano, que só tem a beneficiar com a vivência numa ambiente são e em que os recursos não se esgotam, com benefício para as futuras gerações de seres humanos.

### **Novos valores ambientalistas na literatura para a infância**

A visão antropocêntrica da Natureza que muitos textos apresentam, mesmo os que abordam temáticas relacionadas com o ambiente, pode, de algum modo, ter justificação. Face à idade das crianças, apelar aos benefícios para o ser humano decorrentes da preservação da natureza e da melhoria da qualidade ambiental é a linha argumentativa de mais fácil compreensão, e igualmente mais motivadora, ou pelo menos assumida como tal, para a sua sensibilização para estes temas.

Todavia a questão envolve maior complexidade. Estudos de Kahn (1999), desenvolvidos na área da Psicologia do Desenvolvimento, permitiram concluir que crianças convidadas a pronunciar-se sobre os perigos decorrentes das acções negativas da espécie humana nos ecossistemas evocam, de facto, com maior frequência, argumentação antropocêntrica., embora argumentos biocêntricos sejam também mobilizados. Além disso, a argumentação com este teor e a igualmente centrada na integridade dos ecossistemas crescem de forma notória com a idade e desenvolvem-se principalmente a partir da adolescência. Ainda assim, Lourenço (2006) considera que a fraca incidência de argumentação biocêntrica, em termos comparativos, mesmo entre os inquiridos de maior idade, sugere uma exposição frequente na Escola a uma visão excessivamente instrumental da natureza em detrimento de outras perspectivas. Exposição essa, diríamos, intensificada através de muitas obras literárias lidas pelas crianças e a elas dedicadas. Mas a gravidade desta situação decorre

principalmente do facto de a escola e muitos autores que escrevem para crianças se colocarem ao serviço de um só ideário e ignorarem as potencialidades cognitivas dos argumentos descentrados do ser humano para o desenvolvimento integral dos jovens em formação. Além do mais, importa não ignorar que os argumentos associados às diferentes perspectivas de olhar a natureza não têm de ser exclusivos. Como explica Kahn (1999), com o desenvolvimento, diferentes formas de pensar coexistem e reflectem uma estrutura organizacional mental mais ampla que enquadra uma compreensão alargada da inserção do Homem na natureza.

Assim, estes estudos têm várias implicações para professores e educadores e também para escritores que pretendam introduzir a mensagem ambiental nos seus textos. Em primeiro lugar, é indiscutível que as crianças compreendem e mobilizam argumentos antropocêntricos com maior frequência. Muitos deles serão até de teor egocêntrico. Mas é indiscutível que a compreensão de argumentos descentrados do ser humano é igualmente possível desde cedo e que a sua fraca mobilização decorre também da falta de contacto com este tipo de ideias.

Apesar de as críticas que apresentámos ao teor antropocêntrico da mensagem ambientalista expressa em muitos livros dirigidos ao público mais jovem, não podemos deixar de referir que alguns escritores têm construído textos em que se apela para o valor intrínseco dos outros seres vivos. Estão nesta situação, e meramente a título de exemplo, alguma da produção literária de Ilse Losa e Álvaro Magalhães. Mas, como autores de livros para o referido público, quisemos seguir um percurso que pensamos poder ser considerado diferente do de outros escritores. Após conhecimento pormenorizado do enquadramento teórico das diferentes perspectivas de olhar a natureza, e em rompimento com uma visão instrumental que nos parece excessivamente veiculada e transmissora de uma leitura redutora da natureza, quisemos construir textos para crianças em que intencionalmente se acentuasse mais a nossa dependência enquanto seres humanos da natureza, do que se reclamasse o seu domínio, e se valorizassem os outros seres vivos mais por eles próprios do que em função da utilidade de que deles pudéssemos retirar. Concebemos assim vários contos infantis, tendo já publicado dois deles. As capas dos livros constam da figura 1.



Figura 1. Capas dos livros “O dono de tudo” e “Alerta no Zoo” onde se colocam os leitores perante formas de olhar para a natureza, e para os elementos que a constituem, menos centradas no ser humano.

Passamos a apresentar as histórias de um modo obrigatoriamente sucinto. E ainda que os textos ganhem autonomia e passem a ser sujeitos a múltiplas interpretações uma vez tornados públicos, apresentamos de forma sumária o quadro de intenções que presidiu à sua concepção.

**O Dono de Tudo** – É uma história que partiu de uma constatação científica. A nossa espécie já é responsável pela utilização de perto de 40% de toda a produtividade terrestre, (Rolston III, 1994, p. 225), pelo que a situação começa a tornar-se insustentável num planeta que se pretende partilhado. Assim sendo, temos de assumir uma posição menos predatória do planeta e partilhar com as outras espécies os recursos que a Terra possui. Trata-se pois de uma história de teor ecocêntrico, que retrata o ser humano como ser dependente dos outros seres vivos e que apela para a sensibilização para a natureza. Permite ainda o conhecimento de algumas dimensões do nicho ecológico de alguns animais.

**Alerta no Zoo** – É uma história que pretende que o leitor se coloque no lugar de diferentes seres vivos que encontramos com frequência em jardins zoológicos e que verifique como as condições em que se encontram encarcerados limitam as suas mais elementares necessidades. É um conto que pretende chamar a atenção do leitor para a falta de

autenticidade destes espaços e conduzir à tomada de consciência de que os apreciamos muitas vezes porque apenas pensamos no seu potencial para o ser humano: constituem espaços de lazer que permitem o conhecimento directo de animais que, de outra forma, dificilmente poderíamos observar. Permite, para além do conhecimento de algumas dimensões do nicho ecológico de alguns animais, inferir características dos ecossistemas de onde provêm alguns dos animais presentes nos zoos.

### **Conclusões**

Procurámos nesta comunicação salientar algumas das potencialidades que a literatura para a infância encerra ao nível do seu contributo para o aprofundamento de conhecimento científico acerca da natureza e da discussão de valores ambientalistas. Para estas duas finalidades é indispensável uma selecção criteriosa de obras que, sem deixarem de poder conter situações irreais e fantasiosas, não devem contribuir para a interiorização de concepções erróneas de um ponto de vista científico e/ou se limitarem à transmissão de um ideário antropocêntrico.

O facto de verificarmos que o número de obras sem este ideário dominante é relativamente escasso, conduziu-nos à concepção de histórias que visam contribuir para promover outras formas de relação entre o ser humano, a natureza e os seus componentes bióticos e abióticos que conduzem a uma espécie de altruísmo interespecífico.

Com esta aproximação entre a linguagem científica e a literária, procurámos igualmente assinalar um modo que nos parece particularmente interessante de promoção da interdisciplinaridade ou mesmo de uma abordagem integrada de diferentes áreas curriculares.

### **Referências bibliográficas**

Almeida, A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Almeida, A. e Strecht-Ribeiro (2008). *Alerta no Zoo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Almeida, A. e Strecht-Ribeiro (2006). *O Dono de Tudo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Andresen, S. M. B. (2000). *A menina do mar* (38ª ed.). Porto: Figueirinhas.

Correia, C. P. (1998). *O Sapo Francisquinho*. Lisboa: Relógio d'Água.

Correia, C. P. (1994). *A ilha dos pássaros doidos*. Lisboa: Relógio d'Água.

- Kahn, P. H., Jr. (1999). *The Human Relationship with Nature. Development and Culture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Letria, J. J. (1985). *João Ar-Puro no País do Fumo*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Lourenço, O. (2006). *Psicologia de Desenvolvimento Moral. Teoria, dados e implicações* (3ª ed.) . Coimbra: Almedina.
- Manning, M. Granstrom, B. (2000). *Nham-Nham*. Lisboa: Caminho.
- Muralha, S. (1977). *Valéria e a vida*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Rolston III, H. (1994). *Conserving Natural Value*. New York: Columbia University Press.
- Wilson, E. O. (1984). *Biophilia. The human bond with other species*. Cambridge: Harvard University Press.